

Silviano Santiago, benjaminiano e pós-moderno

Raul Antelo

Silviano Santiago tem sistematicamente elaborado, ao longo de seus textos, uma escritura que se define pela ausência. Ausência de enunciação, em “O envelope azul”. Ausência de recepção, em “Conversei ontem à tardinha com nosso querido Carlos”. Ausência de intencionalidade, em “Caíram as fichas”. São ausências, essas das *Histórias mal contadas*, que se dispersam no próprio ato da escritura e o resultado são textos transformados em um ambivalente modo de desaparecimento de si, por meio do esquecimento da norma, ao passo que esse mesmo gesto garante ao escritor a paradoxal apropriação de si, através da contínua desapropriação do outro. É, sem dúvida, um efetivo e cabal esquecimento de si, mas é, simultaneamente, memória e presença dos outros, que falam, nessa escritura, com uma voz emprestada em que se torna impossível saber, a rigor, quem lê e quem escreve. Mal contando, isto é, por *linhas tortas*, Silviano brinca de reinventar a história, apontando, tão somente, provisórios pontos de unidade ou coagulação que se tornam indispensáveis para novas coordenadas de tempo e espaço.

A partir de seu grande não-livro, *Em liberdade*, inversão especular dos não-livros modernistas, Silviano Santiago tem aprofundado a convicção de que, enquanto o sujeito autônomo, racional e moderno, conhecia, de antemão, quais eram os limites para, no exercício de uma apropriação nacional, ele mesmo se consolidar como soberano em sua redoma, a constituição de novas subjetividades, como instâncias ambivalentes de um entre-lugar escorregadio, desconhece tais limites, embora ainda mantenha a tensão constante entre o singular e o plural, o mesmo e o diferente.

Essa tensão, que além do mais ajuda a que essas identidades-interioridades não sejam vistas, de maneira reativa, como simples exercícios de conservação e confiança em si, postula, pelo contrário, uma identidade em constante processo de desidentificação e diferença. Em *Histórias mal contadas*, por exemplo, Santiago escreve uma carta a Walter Benjamin, o suicida da fronteira. Não apenas a de Port Bou, mas a que separa disciplina de exaustão. Silviano é também um narrador de fronteira, porque, primeiro dos antimodernistas, é um acabado modernista que reinventa o próprio modernismo para testar a voz *em liberdade*. Mas o narrador de Silviano é ainda um narrador de fronteira porque, vira e mexe, ele está em Albuquerque, em El Paso... Não só na história de “Ed e Tom” ou em “Borrão”, duas das mal contadas histórias, mas também em *As raízes e o labirinto da América Latina*, o ensaio bem amarrado. Ora, em “Hello Dolly”, o conto-carta a Benjamin, compreendemos melhor o motivo de Silviano ser um escritor de segundas versões. Não de segundas intenções, porém, de segundas tensões. De retornos, de sentidos diferidos, como o de uma carta que nunca termina de chegar por inteiro. No entanto, há nele, “benjaminiano e pós-moderno”, como diz esse narrador anônimo, uma diferença com o autor das *Iluminações*. Benjamin estava preocupado porque a reprodução técnica viria afetar as subjetividades que ficariam, sem aura, anestesiadas. Como bom marxista, intuía que aquilo que uma vez foi trágico, agora se diluiria como simples farsa. Santiago, entretanto, na esteira de Deleuze, Derrida ou mesmo Foucault, sabe que, Marx, quando criticou o falso movimento da história, foi obrigado a reconhecer também que se encontrava em um teatro.

Um palco de forças enfrentadas. Um *theatrum philosophicum*. E o que vemos nesse cenário não são formas mas forças. Histórias mal contadas. São imagens. São enigmas. Portanto, se a história é uma arena, então, a repetição, “a segunda via”, mescla o trágico e o cômico até torná-los indiscerníveis e dessa complexa heterogeneidade surge o novo que passa a se discriminar do dado. Dolly (Hello!, surrada primeira réplica de proveta!) é apenas um semblante das bodas do céu e do inferno, em outras palavras, as da literatura e o mal. Nesse sentido, diríamos, o teatro da repetição de Silviano Santiago opõe-se, em suma, ao teatro da representação, da mesma forma em que o movimento se opõe não só ao conceito mas também à sua representação, que nos leva, mais uma vez, de volta ao conceito. À metafísica, à moral.

Silviano Santiago narra (*da capo*) o moderno do Brasil porque entende que narrar *da capo* é contar uma história alterando-lhe, radicalmente, as condições dela ser acolhida. Silviano narra o que não pôde ser ouvido e chega a ler o que nem mesmo foi escrito. Nisso reside a sua especialíssima singularidade.